

ENTREVISTA COM OTTO KERNBERG

Entrevista concedida, em 31 de outubro de 1994, ao Dr. Mauro Gus, Editor, Dr. Joel Nogueira, Co - Editor, e aos membros da Comissão de Redação da Revista de Psicanálise da SPPA, Drs. Manuel Pires dos Santos, Jussara Dal Zot, Paulo Henrique Favalli e Raul Hartke.



Da esquerda para a direita:

Raul Hartke, Manuel José P. dos Santos, Jussara Dal Zot, Joel Nogueira, Otto Kernberg, Mauro Gus e Paulo Favalli.

RP - A partir do final da década de 50, a metapsicologia freudiana foi alvo de críticas, oriundas, inicialmente, dos filósofos do positivismo lógico e, mais tarde, de psicanalistas do porte de M. Gill e G. Klein. Em seu entender, qual o lugar que a metapsicologia freudiana ocupa hoje?

OK - Tenho plena consciência de que, especialmente nos Estados Unidos, a metapsicologia tem sido criticada, especialmente por aqueles que acreditam que é importante diferenciar a psicanálise como uma ciência de significado das ciências naturais que são causais. Essa é a posição de George Klein, por exemplo. Também creio que considerar a psicanálise como uma hermenêutica pura, como a posição de Roy Schafer que, desde um ponto de vista diferente, critica também a metapsicologia, é uma posição importante nos Estados Unidos.

Eu critico os dois pontos de vista. O ponto de vista hermenêutico puro e o outro que rejeita a psicanálise como uma das chamadas ciências naturais.

Para começar, acredito que a definição do que é Ciência está aberta a muitas teorias e a filosofia da ciência deixa em aberto até que ponto é justo separar as ciências naturais das ciências sociais.

A metodologia das ciências sociais é diferente das naturais.

Existem ciências nas quais a experimentação empírica não é possível, como por exemplo, a astronomia. Acredito que negar à psicanálise a posição de ciência, uma ciência social, é problemático. É uma posição filosófica discutível.

Esse é o meu ponto de vista mais geral.

Em segundo lugar, quanto à separação de significados e causas, (a posição de Roy Schafer, a quem respeito profundamente, pois é um dos nossos grandes teóricos), neste ponto particular, estou em desacordo com ele. Porque parece-me que o conhecimento do ser humano indica que os significados chegam a ser fatores causais. A forma como interpretamos a nossa realidade nos motiva em uma ou outra direção.

Mais concretamente, a metapsicologia freudiana refere-se à motivação e estrutura mental.

Motivação, no sentido da teoria das pulsões, os conflitos inconscientes entre pulsões e defesas de adaptação à realidade e o plano estrutural, a consideração do aparelho mental como constituído por estruturas hierarquicamente relacionadas. O Ego, o Superego, como superestruturas, que a meu ver estão formados por relações internalizadas de objeto, como estruturas subjacentes, ou seja, creio que a internalização de relações de objeto cria estruturas básicas diádicas entre a representação de si mesmo e o objeto imbuída de afeto que se organizam no Ego, no Id e no Superego como estrutura supra - ordinal.

Agora, por que defendo tanto a estrutura como a motivação na metapsicologia freudiana?

Porque parece-me que, clinicamente, a análise dos conflitos inconscientes leva uma a outra vez a conflitos entre amor e ódio, expressos em relações idealizadas e persecutórias, e que, deste ponto de vista, a motivação fundamental entre libido e agressão aparece como uma realidade clínica essencial.

O problema está em como relacionar os conceitos psicanalíticos de pulsão libidinoso e agressiva, com a estrutura subjacente biológica. Este é, o desafio importante da metapsicologia.

Considero que a motivação inconsciente é tanto experiência pessoal (e neste sentido descobrimos as fantasias inconscientes motivadoras na situação analítica) como também um aspecto científico, no sentido de que o aparelho mental pensante é um aparelho radicado na pessoa, na personalidade, na biologia e na relação sócio - cultural do indivíduo.

Acredito que as pulsões de agressão e libido são organizações hierarquicamente supra - ordenadas aos estados afetivos, como elementos psicobiológicos inatos, que constituem os aspectos instintivos do ser humano. Nascemos com disposições afetivas que motivam nossas relações de objeto: amor ao objeto, o ódio contra o objeto. Os afetos são estados subjetivos e também objetivos com manifestações na musculatura facial, na expressão, na comunicação interpessoal, na descarga neuro - vegetativa

e a expressão psicomotora.

Os afetos são estruturas psicofisiológicas que possuem aspecto de experiência subjetiva e de comportamento objetivo. Os afetos são disposições inatas que se organizam nas relações de objetos, são internalizados, como o investimento afetivo de relações de objeto, e se organizam ao longo destas duas linhas de libido e agressão. Ou seja, vejo libido e agressão como a integração hierárquica supraordinada, nas pulsões, aos estados afetivos, como a motivação fundamentalmente humana. Assim, vejo as pulsões como a organização intrapsíquica de estados afetivos que são seus componentes.

Para mim, a metapsicologia freudiana, portanto, está inserida numa disposição biológica, se bem que funciona num plano puramente psíquico.

As pulsões, o que Freud chama Triebe, devem ser diferenciadas dos instintos, funções puramente biológicas. Afetos são estruturas instintivas. Pulsões Triebe, são estruturas psíquicas.

Desta forma, para mim, isto repete para o ser humano o que existe no mundo animal, em que a concepção moderna de instintos é de componentes instintivos, ativados por influências ambientais e integradas numa corrente, onde ambiente e disposição biológica se integram. O que chamamos o instinto num animal é a integração de disposições instintivas com experiências ambientais. No ser humano, os aspectos instintivos são os afetos, integrados psiquicamente nas pulsões de libido e agressão.

Isto deixa aberta a pergunta se a pulsão de agressão é pulsão para a morte. Quero dizer, pulsão de morte. Muita gente que aceita a metapsicologia freudiana critica o conceito de pulsão de morte. Para mim, o importante não radica no termo semântico da morte, mas nas profundas tendências autodestrutivas que a pulsão agressiva toma desde o começo da vida. Ou seja, a pulsão agressiva, desde o início, está dirigida para dentro e para fora, por motivos que não posso entrar neste momento.

Acho que desde um ponto de vista clínico, isto seria o importante: que as tendências auto - agressivas são fundamentais; se as chamamos de pulsão de morte ou não, é uma questão que pode ficar em aberto.

Então, para mim, a metapsicologia freudiana continua de pé. Acredito que a crítica, nos Estados Unidos, à metapsicologia, em parte é devida a uma confusão semântica, histórico - semântica, a uma má tradução da Standard Edition que chama instinto tanto ao que Freud chama de instinto quanto ao que chama de pulsão. Neste sentido, é característico que se tenha começado a questionar a metapsicologia no idioma inglês, e não na psicanálise alemã, francesa, espanhola ou em outros idiomas.

Esta seria minha resposta à primeira pergunta.

RP - Como o Sr. situa a psicanálise norte - americana em relação às chamadas escolas psicanalíticas e como o Sr. se situa dentro da psicanálise norte - americana?

OK - A psicanálise norte - americana era monopoliticamente egopsicológica até 20 ou 25 anos atrás. Era realmente uma teoria monolítica, investida de fortes afetos em contraste com outras escolas, especialmente as escolas britânicas, que eram muito criticadas.

Essa situação mudou radicalmente. Primeiro, pelo desafio da psicologia do Self kohutiana. O fato de Kohut ter podido desenvolver uma teoria completamente diferente, com sua técnica respectiva, e continuar dentro da Associação Psicanalítica Norte - americana sem ser expulso, criou uma mudança.

Eu não estou de acordo com a teoria kohutiana, mas parece-me que institucionalmente abriu o campo, porque permitiu que outras teorias se desenvolvessem sem ser vistas como hereges ou inimigas ou não "American".

RP - Serviu de alavanca para a mudança...

OK - Sim. Abriu o campo. Eu, que aparecia como muito radical, por combinar uma teoria de psicologia do ego com uma teoria de relações de objeto, repentinamente parecia estar no meio, porque não era tão radical como Kohut, ou seja, me aceitaram mais porque a discussão se fez mais extremada.

Neste momento, eu diria que existe uma tendência a uma multiplicidade teórica nos Estados Unidos.

Predomina sempre a Psicologia do Ego. Mas a Psicologia do Ego encontra-se dividida, porque existe agora uma psicologia do Ego radical, de Charles Brenner, que rejeitou a teoria estrutural (um aspecto fundamental da psicologia do Ego clássica americana) que diz que não existe o Ego, o Id, não existem mecanismos defensivos. O que existe são pulsões, conflitos inconscientes e formações de compromisso. É como um minimalismo que caracteriza um setor extremo da Psicologia do Ego que está em contraste com outras tendências da psicologia do Ego representadas, por exemplo, por Jacob Arlow, por psicólogos do Ego mais clássicos, como Paul Drake ou Arnold Modell, que mantêm a psicologia do Ego e a aproximam da teoria de relações de objeto.

Creio que existem setores muito importantes da Psicologia do Ego que estão se aproximando das teorias de objeto e, nesse sentido, existe como uma evolução divergente dentro dos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo, existe também uma corrente da Psicologia do Ego que claramente está integrando a Escola Britânica, especialmente a de Winnicott. Arnold Modell, é um exemplo.

Os autores norte - americanos que têm trabalhado com patologia grave de caráter tendem a introduzir conceitos das Teorias Britânicas, talvez principalmente Winnicott, embora existam também grupos kleinianos atualmente nos Estados Unidos.

Por outro lado, existem grupos que, deixando uma teoria da Psicologia do Ego, têm se aproximado da Psicanálise Culturalista, agora chamada Psicanálise Interpessoal, a corrente da chamada Psicanálise Intersubjetiva.

Ou seja, resumindo, há uma tendência a uma multiplicidade de teorias: combinação de teorias de Psicologia do Ego com teoria de Relações de Objeto; combinação de teorias do Self com Psicanálise Interpessoal e, dentro de todas essas tendências, meu ponto de vista aproxima-se - acredito - à corrente principal americana, se bem que encontro-me muito mais influenciado pelas Escolas Britânicas que a grande maioria de autores norte - americanos.

Devo dizer que, quanto a mim, ultimamente tenho também sofrido influências da Psicanálise Francesa que é quase totalmente desconhecida nos Estados Unidos. Não estou me referindo à análise lacaniana, que nos Estados Unidos é muito fraca, em contraste com a América Latina, mas à corrente principal francesa, que em relação a Lacan tem desenvolvido uma Psicanálise Francesa. Refiro-me a autores como Jean Laplanche, André Green, Anzieu, Chasseguet Smirgel, Joyce McDougall, etc., autores que têm me influenciado de forma que a minha própria posição tem se modificado em certo sentido, como vocês poderão notar quando eu falar da problemática de casal. Não sei se respondi à segunda pergunta.

RP - Essa nova posição de Charles Brenner, não lhe parece uma tentativa de retorno a alguma coisa que Freud deixou para trás, antes da teoria estrutural?

OK - A Teoria Topográfica, ou a Primeira Tópica?

RP - Na psicologia para neurologistas, no "Projeto"...?

OK - Sim, de certa forma, enquanto rejeita a teoria estrutural ou o que os franceses chamam a Segunda Teoria Tópica. Sim, mas obviamente dentro de um ambiente contemporâneo, de técnica muito sofisticada, que integra conhecimentos de transferência e contratransferência. Portanto, não é realmente uma volta ao Freud inicial puro. Tem, sim, certa relação com a Teoria Pré - estrutural.

A posição de Charles Brenner é quase antiteórica, antiestrutural, mais que elaboração de teoria estrutural própria. Seria difícil saber para onde vai, em que direção irá encaminhar-se.

Eu sei, por exemplo, que o Jacob Arlow, que estava muito perto de Brenner antigamente, não o acompanha. Separa-se.

RP - Já nesse último livro de Arlow aparecem bem as diferenças.

OK - Sim. Sim.

RP - Na atualidade temos visto consagradas teorias sobre o Homem subitamente perderem espaço a importância no exemplo, o marxismo). Como o Sr. vê o futuro da psicanálise?

OK - É uma pergunta complexa, que não sei bem como responder. Tenho duas ou três idéias a respeito, que talvez sirvam para um diálogo, mais do que para uma resposta.

Primeiro, para mim a psicanálise não é uma Weltanschauung não é uma concepção do homem. E fico muito preocupado quando psicanalistas transformam a psicanálise na concepção do mundo. Sinto-me muito desconfiado porque a psicanálise, para mim, é uma ciência, um método de investigação, um método de tratamento. A psicanálise tem coisas profundas a dizer sobre o ser humano, mas não é uma ideologia, não é um sistema de valores. Entretanto, pressupõe valores humanistas e é consoante. Mas não é uma concepção integral do mundo. Creio que é extremamente importante manter esta diferença.

Por exemplo: houve um tempo no qual se dizia que era incompatível ser psicanalista e ter uma religião. Não sei se vocês lembram. Para ser psicanalista tínhamos que ser ateus. E eu acredito que isto é questionável.

As posições religiosas representam sistemas éticos de filosofia de vida e eu acredito que a psicanálise não tem uma posição privilegiada que lhe permite decidir que sistema ético aceitar ou não. Creio que a psicanálise não é uma base para uma ética universal. Pelo contrário; acho muito perigoso esse exagero da psicanálise.

O Marxismo é uma típica ideologia. é uma ideologia que tem marcado todo o século XX e cuja autodestruição mostra contradições fundamentais. Poderia falar muito sobre o Marxismo, mas somente quem destacar a idéia de que estamos ainda sob a influência da Revolução Francesa ou da Revolução Americana e as idéias de liberdade, igualdade e fraternidade.

E estamos aprendendo a conhecer o paradoxo de que a liberdade absoluta está em contradição com a igualdade absoluta, de que a igualdade absoluta está em contradição com a liberdade. Acredito que, no fundo, o Marxismo desestruturou - se por desconhecer e ignorar esta realidade. Enfim, talvez isto esteja simplificado demais. Acredito que a destruição da União Soviética, pela sua burocracia incompetente, não é a última razão pela qual foi destruído esse sistema.

Penso que, desse ponto de vista, as ideologias psicanalítico - marxista, psicanalítico - feminista, psicanalítico - religiosa, psicanalítico - etc., são problemáticas. Gostaria de separar a psicanálise como um instrumento de conhecimento do ser humano, de ideologias como sistemas de pensamento e de crença que unem grupos humanos ou sociedades humanas.

É verdade que neste momento existe uma tendência cultural anti - individualista, tendente a pôr em questão a ênfase, o tempo, o cuidado dedicado à reflexão humana. Considero isto um ambiente cultural mais do que uma ideologia.

Deste ponto de vista, a psicanálise é, sim, profundamente individualista, no sentido de que o interesse do ser humano concreto é central na psicanálise. Mas isso também vale para religiões e filosofias de vida.

Quero também criticar a atitude intelectualmente niilista em certos círculos pós - modernistas, que implica em uma atitude crítica e cínica ante todo sistema de pensamento. Acredito que essa é uma moda intelectual e cultural.

Um dos temas que me tem interessado, sobre o qual estou trabalhando, e que acabo de escrever um trabalho, é sobre dois sistemas de defesa contra a agressão que surge em grupos não estruturados: "Burocratização e Ideologia".

Acho que a psicanálise tem alguma coisa a dizer referente à burocratização como defesa e ideologia como defesa, mas não sobre o conteúdo específico de ideologia.

RP - A pergunta não se referiu tanto a que os psicanalistas considerem a psicanálise como os marxistas consideram o marxismo. Mas mais à forma como a psicanálise e também o marxismo são vistos pela população em geral ou pelos meios de comunicação. Ouve-se, em certo momento, a afirmação: "Freud está morto". Aí, passam-se 5 ou 6 anos: "Freud está vivo". Ouvimos que Freud está morto, pelo menos umas duas vezes, nos últimos 15 anos.

OK - Freud foi declarado morto desde o começo da formulação das suas idéias. Se nós lermos as críticas à psicanálise de 1900, 1910, Freud morreu muitas vezes...

Lembro-me da piada de alguém que escreveu uma noite nas portas da igreja: "Deus morreu", assinado: Federico Nietzsche.

Na noite seguinte alguém escreveu: "Federico Nietzsche morreu", assinado: Deus.

RP - E a preocupação com o futuro da teoria? Como imagina que a teoria vai entrar no ano 2000, como vai estar sendo considerada, digamos assim, no futuro?

OK - Compreendo. Agora compreendi a pergunta. Acredito que o respeito cultural que a psicanálise vai ter depende do desenvolvimento científico da psicanálise. Se a psicanálise progredir como ciência - e eu tenho uma posição muito otimista - vai ser respeitada. Se a psicanálise se mantiver como um sistema de fé monolítica isolada numa torre de marfim, se dissermos "isto é o que Freud disse e nós acreditamos em Freud" e isso basta, então a psicanálise afundará.

Creio que se a psicanálise é ciência autêntica, vai continuar evoluindo, como já tem evoluído, e isto vai continuar. Isso significa investigação num amplo tempo de investigação empírica, filosófica, histórica, clínica, de análise aplicada. Ou seja, quando falo de investigação não me refiro a nenhum tipo específico, nem tampouco a uma posição na qual se diz que a única investigação que pode ser feita é a que se fez dentro da situação analítica.

Pois acredito que se pode estudar, fazer investigação psicanalítica na situação e também fora da situação analítica. Isso não está em contradição. O desenvolvimento científico vai operar num tempo amplo e seguramente vai relacionar, de forma concreta, a psicanálise tem ciências vizinhas no plano psicológico, sociológico a biológico.

Isso não significa um cientificismo empírico ingênuo norte - americano, mas, sim, reconhecer também a investigação clínica a filosófica da psicanálise. Assim, nisto tenho uma posição integradora da investigação psicanalítica.

Creio que a investigação psicanalítica vai determinar o futuro da psicanálise na cultura. Nossa tarefa de contribuir ao desenvolvimento científico da psicanálise significa, na prática, que Institutos e Sociedades Psicanalíticas têm que reforçar suas ligações com a Universidade, têm que relacionar-se com a Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, com as ciências humanas, com a vida cultural. A psicanálise não pode manter-se a desenvolver-se em uma atmosfera de torre de marfim. Portanto, vejo o futuro da psicanálise como ciência positiva, justamente porque considero uma ciência e não uma ideologia.

RP - Como o Sr. vê o avanço atual da psiquiatria biológica em relação à psicanálise?

OK - Como já respondi, em pane, quando falei da relação entre pulsões e afetos, não vejo uma contradição fundamental entre psiquiatria biológica e psiquiatria dinâmica. Espero que, tom o tempo, haja desenvolvimento harmônico entre a psiquiatria biológica e a de orientação psicanalítica. Porque, como já disse, as pulsões derivam dos afetos; as relações internalizadas de objetos derivam da capacidade cognitiva, afetiva, interpessoal e não existem no vazio.

Creio que a psiquiatria biológica vai nos dar novos conhecimentos sobre as determinações genéticas dos afetos, as determinações genéticas sobre intensidade, ritmo e umbrais afetivos que chamamos de temperamento. O temperamento é um fator importante para determinar as relações materno - infantis, as pré - condições básicas para o desenvolvimento do inconsciente dinâmico. Acredito que a investigação infantil, a observação de bebês, está nos mostrando capacidades inatas, não só afetivas, mas também perceptivas e cognitivas que co-determinam as primeiras relações objetais.

Portanto, todos esses são pontos de contato. Creio que, do ponto de vista prático, o descobrimento da neurofisiologia das psicoses, que permitiu o desenvolvimento da psicofarmacologia das psicoses, abriu caminho ao contato psicológico, à psicoterapia psicanalítica da esquizofrenia e permite que, por exemplo, pacientes com psicose maniaco - depressivas ou transtornos afetivos maiores pudessem ser tratados psicofarmacologicamente até um ponto tal que novamente possam estabelecer o contato psicológico que permite estudar os conflitos inconscientes destes pacientes e a interação entre determinações biológica e psicodinâmica das enfermidades. Isso porque não há dúvida alguma de que aspectos psicológicos têm profunda influência no desenvolvimento e evolução da esquizofrenia, o que já foi verificado pela psiquiatria biológica. Acho que se a psiquiatria biológica abandonar a psicanálise vai transformar-se em uma neurofisiologia muito limitada a não poderá aprofundar o conhecimento dos transtornos de personalidade, das neuroses, nem, talvez, das psicoses maiores. Uma psiquiatria clínica não dinâmica é autodestrutiva, leva à neuropsiquiatria antiga do século XIX.

Isso teria menos interesse ainda, nos dias atuais, pois, com os novos instrumentos para estudar o funcionamento do cérebro, chega a ser mais interessante saber como se transformam determinantes biológicos em estruturas psicológicas, e como estruturas psicológicas, o significado, influi no funcionamento mental. Sabemos que com a morte de um familiar se produzem profundos transtornos biológicos que atualmente podem ser vistos radiograficamente. Então, a influência da mente sobre o corpo é um tema sumamente importante para a biologia. A psiquiatria biológica está percebendo a complexidade do funcionamento mental e está cada vez mais distante do simplismo dos reflexos condicionados, como se expressaram as primeiras tentativas de transformar o funcionamento do Sistema Nervoso Central em teorias psicológicas. Por outro lado, penso que a psicanálise necessita manter seus contatos com a biologia e com a psiquiatria biológica. Creio que o interesse da psiquiatria está nesse ponto onde se juntam o biológico e o psíquico.

Se a psiquiatria se cinde vai debilitar seu próprio interesse e eliminar o ponto que penso ser o mais interessante para a investigação humana nos próximos 20 ou 30 anos, que é a barreira psico - física, a transformação de idéias em biologia e a transformação de biologia em idéias.

Para falar de um ponto de vista prático, devo dizer-lhes que o professor - chefe do meu Departamento de Psiquiatria é um neurofisiologista de destaque que estudou as endorfinas, mas que tem um profundo respeito pela psicanálise e pensa que é fundamental que psicanalistas e neurobiologistas trabalhem juntos, e eu estou de pleno acordo com isso.

RP - Qual sua posição quanto à diversidade de critérios para a formação psicanalítica?

OK - Creio que há vários aspectos nesta pergunta. Primeiro: é importante que asseguremos uma alta qualidade de formação psicanalítica. Uma das coisas que caracteriza a API, e que contribuiu para a identidade de todas as Sociedades componentes

dela, é manter Standards altos de formação, o que nos diferencia de outras instituições que não fazem parte da API. Isso é preciso ser mantido. Segundo ponto: temos que nos preocupar com o objetivo de nosso ensino. Temos nos preocupado com os critérios de formação, Standards de formação, mas não com Standards de funcionamento. Temos que pensar sobre o psicanalista que queremos. Quais os conhecimentos, as características que esperamos de um bom psicanalista, bem qualificado. Não sei se há apenas um tipo de psicanalista. Talvez os mesmos altos critérios possam ajustar-se com modelos alternativos de formação psicanalítica. Creio que com o tempo deverão ser feitos experimentos com modelos de formação. Por exemplo, existe atualmente uma escola de formação psicanalítica radicalmente distinta da maioria anglo - saxônica, alemã, e de língua portuguesa e espanhola. Esta é a escola francesa. Eles têm métodos de formação distintos.

RP - Como, por exemplo? Quais são esses métodos?

OK - Eles pensam que a análise pessoal deveria estar completamente separada dos seminários e da supervisão. Isto é, que a análise pessoal não seja parte da instituição. Que se faça fora da instituição psicanalítica.

RP - Que possa ser feita por qualquer analista já formado pela Instituição?

OK- Não necessariamente. Por exemplo: há diferenças entre a Escola de Paris e a Association Psychanalytique Française. Para a Escola de Paris é necessário que sejam analistas com funções didáticas, mas a análise é separada da formação. Para a APF pode ser feita por qualquer analista, mesmo de outras Sociedades, mas só recebem candidatos que se considerem como tendo tido uma análise pessoal suficiente para entender-se a si mesmo e então começar como candidato.

Então eles avaliam os candidatos já analisados de forma muito restrita. Se um candidato é aceito, é porque crêem que essa pessoa já tem uma capacidade de conhecer a si mesmo, uma capacidade de conhecer o inconsciente do outro, o que é uma garantia para ministrar-lhe seminários e supervisões. é uma concepção sumamente elitista porque significa que antes de ser candidato é preciso ter anos de análise. Eles escolhem muito pouca gente e graduam pessoas de muita idade.

O que quero dizer é que há métodos distintos e não vejo nisso uma desvantagem e sim uma vantagem potencial porque permite investigação sobre metodologia educativa. O que deve nos preocupar é que haja um nível alto de funcionamento e, nesse sentido, é preciso manter Standards muito altos dentro de cada concepção psicanalítica.

Estes são meus dois pontos: Standards altos, definição do objeto da formação, estudos de modelos alternativos.

RP - O Sr. poderia especificar mais o que entende por Standard alto?

OK - Para mim, a identidade do psicanalista é dada pela compreensão da motivação decorrente das pulsões a conflitos da vida humana, como isso influi no comportamento consciente e na estrutura da personalidade; além disso, na possibilidade de transformar personalidades e sintomas derivados desses conflitos inconscientes, isso tanto dentro de si mesmo, na função de auto - análise, como em outras pessoas, certamente isso implica em uma técnica. E isso é diferente do "como formá-lo". Estou simplificando, é claro.

Quanto ao método psicanalítico, penso que a psicanálise é um tratamento que exige 4 ou 5 sessões por semana, ainda que existam casos em que se possa fazer análise de 3 vezes por semana; entretanto, não sabemos se os efeitos do tratamento são os mesmos com 3, 4 ou 5 sessões por semana.

É desejável que os candidatos tenham em sua formação 4 ou 5 sessões por semana e que tenham experiência de casos de supervisão com a mesma frequência. A duração da psicanálise é outro fator de importância, mas não sabemos se análises longas são mais efetivas que as breves. Também não sabemos em que grau a análise pessoal permite melhor controle sobre a qualidade do analista do que os seminários ou a supervisão. Há muitas pessoas que crêem que a garantia fundamental sobre a capacidade analítica do candidato são as supervisões, pois aí se vê o produto do que ele pode fazer.

Temos problemas na formação analítica quanto aos critérios de seleção. Queremos ser muito restritos na seleção, mas nos damos conta de que se selecionamos os candidatos antes da análise didática e não sabemos como essa análise irá funcionar. Por outro lado, temos muita dificuldade em criticar os candidatos. Uma vez que estes são aceitos, quase sempre se graduam, porque não nos atrevemos a ser realmente críticos. Há uma certa hipocrisia nisso, pois tratamos de resolver o problema com critérios mais restritos na seleção. Essa é a debilidade do sistema clássico predominante. É aí que os analistas franceses nos dizem: "nós só selecionamos depois da análise". Acho que é uma alternativa interessante que merece ser estudada, mas não quero dizer que uma seja melhor que a outra.

Temos problemas com a formação de analistas, o que indica que não somos perfeitos, e que não devemos querer ser perfeitos, mas que é preciso que estudemos os efeitos de nossa metodologia. Têm havido críticas ao sistema educativo psicanalítico, por exemplo, se os analistas didatas devem informar sobre os candidatos. Há críticas quanto à possibilidade dos candidatos serem formados de acordo com um só modelo, conhecendo apenas a teoria local, ou se desde o início deveriam conhecer teorias alternativas. Tudo isso exige investigação. Parte da ciência psicanalítica é o estudo da formação de analistas como aplicação da sua própria teoria à metodologia educativa.

Na prática isso significa que a API deveria ter uma função de estimular cada sistema que produza o melhor e o estude, ao invés de ter uma atitude polícialca.

RP - Tudo indica que a questão básica, a mais difícil de resolver é a avaliação dos candidatos.

OK - Exato. No recente pré - congresso da FEPAL, em Lima, discutiu-se isso. Havia um acordo geral: preocupa a seleção dos candidatos, pois uma vez que entram surgem os problemas de avaliação. Então, tratemos de resolvê-los com boa seleção. é questionável se isso pode realmente ser feito.

RP - Com 2 ou 3 entrevistas...

OK - Sim.

RP - Isso pode significar uma negação de que se trata de um processo dinâmico que evolui?

OK - Sim, em teoria deveria ser assim, mas muitas vezes não o é. Eu tenho critérios pessoais de como selecionar. Estou de acordo com eles, mas devo reconhecer que posso estar equivocado. E aí, então, não temos uma resposta porque se a análise ocorre depois da seleção há uma grande incógnita sobre o que vai produzir essa análise.

RP - Sobre esse aspecto da formação gostaríamos de lhe fazer uma pergunta, não uma pergunta com uma resposta direta, mas para que se conversasse a respeito do assunto que é o seguinte: com alguma frequência acontecem rupturas nas sociedades. Ou até as sociedades não englobarem agrupamentos que vêm de fora; e uma tendência de formação de novos grupos, novas sociedades. Mas isso, temos uma idéia que tem influências marcantes importantes e econômicas, não só o aspecto de uma política institucional, dentro de uma ideologia da psicanálise, a partir, vamos dizer, de uma central da API. Não só isso, mas aspectos bem práticos, bem claros, vamos dizer, problemas econômicos, sociais, prestígio. Aí se criam grupos de analistas ligados à API; cumprem uma série de formalidades. Esta proliferação não tem um certo aval da API? Queríamos saber sua opinião como candidato a Presidente da API sobre um estímulo a uma formação que nos parece perversa.

No sentido de que fica uma facilitação intragrupo e isso não tem como ser policiado, nem deve ser (concordamos com o seu ponto de vista); mas se não há um estímulo... se por um lado há uma abertura a se pensar mais em termos de psicanálise e desenvolver mais a teoria, teoria da técnica, formulação para novas formulações, se isso não é um risco de estímulo a formações perversas, no sentido de, por exemplo, análise de 2 sessões semanais, 3 sessões semanais, ou até uma - 2 sessões no mesmo dia - candidatas com caractereopatias graves que, de antemão, é coisa sabida dentro de uma comunidade. Mas há a necessidade de um candidato a mais, de um ganho, de um prestígio... Especialmente grupos que estão no início onde esse risco é grande.

OK - Há vários problemas aí. Primeiro: muitas das divisões de sociedades foram devidas a uma divisão entre um grupo que tem todo o poder e o exerce monoliticamente e um grupo rebelde que quer desfazer esse poder.

RP - Que quer também o poder?

OK - Claro. Muitas vez os rebeldes são tão autoritários como os anteriores.

Essa é uma problemática que é muito freqüente. A meu ver, ela se deve a um poder não funcional, derivado, autoritário de uma idealização da análise didática. Escrevi um artigo sobre isso em 1984, mas não posso, agora, entrar em detalhes. Essa problemática pode ser resolvida com bons critérios funcionais administrativos. Creio que aí a API pode funcionar como conselheiro sobre o tipo de administração institucional.

Há outro tipo de situação na qual a divisão é utilizada para diminuir as exigências, diluir os Standards como modo de atrair discípulos, alunos e pacientes. Isso não reflete uma filosofia educacional de modelos alternativos, mas sim uma maneira oportunista. Aí a API deve ter uma função fiscalizadora. Essa é uma situação mais fácil.

Há um terceiro tipo de situação na qual se produziram conflitos internos personalizados tão graves, por um período tão longo, onde as relações ficam tão envenenadas que é melhor haver a divisão para que não haja mais veneno.

Em geral, creio que a função da API deveria ser de conselheiro, de informações ou de estudar a situação e ajudar as sociedades a encontrar a melhor solução dentro de sua dignidade. Isso, como já disse, não como polícia. Há duas exceções: uma se realmente há sociedades com uma distorção perversa e danosa aos membros ou aos estudantes; aí creio que a API tem que intervir. Por exemplo, o favorecimento de condutas perversas sexuais, ou a exploração financeira de candidatos. A Instituição não nomeia analistas didatas com o fim de aumentar os preços e manter centenas de candidatos esperando. São situações extremas, mas onde a API deve intervir para proteger membros e candidatos. Ou o contrário: às vezes há indivíduos que põem em perigo as organizações psicanalíticas e, aí, a API deve proteger a sociedade contra um indivíduo psicopata.

Em geral o ideal é que não haja divisão de sociedades; se há pontos de vista diferentes, que se mantenham juntos, porque isso enriquece a sociedade.

A maior parte das divisões foram devidas a estruturas autoritárias dentro dos Institutos e que puderam resolver-se com uma boa administração. A psicanálise, em si, não é uma teoria administrativa, e por isso não dá respostas sobre como conduzir as Instituições. Os psicanalistas que dirigem instituições psicanalíticas devem aprender teoria de administração.

© Revista de Psicanálise - SPPA